



A NEGRA FORTE QUE SE É: NARRATIVAS DE MULHERES NEGRAS SOBRE SUAS TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS E PESSOAIS A PARTIR DA INSERÇÃO UNIVERSITÁRIA

THE STRONG BLACK WOMAN WHO SHE IS: BLACK WOMEN'S NARRATIVES ABOUT
THEIR SOCIAL AND PERSONAL TRANSFORMATIONS FROM THEIR UNIVERSITY
INSERTION

Aline Beatriz Alvarenga Albino Vaz¹
Mara Marçal Sales²

RESUMO: A investigação aqui descrita teve como objetivo geral analisar as narrativas de mulheres negras universitárias acerca de suas transformações pessoais e sociais a partir da entrada no ensino superior. Para além disso, a pesquisa teve como objetivos específicos: a) analisar o acesso e o processo de integração, bem como, as eventuais dificuldades vivenciadas por mulheres negras dentro da universidade, b) compreender, através das narrativas de mulheres negras, as autorrepresentações, a partir da entrada no ensino superior e c) verificar se houve ampliação e/ou modificação da consciência étnico-racial a partir da vivência universitária. O referencial teórico deste estudo abrangeu as políticas afirmativas que contribuem para uma maior inserção das negras nas universidades e as temáticas relativas às discriminações de gênero, raça e classe que afetam as mulheres negras em seu cotidiano. Para alcançar os objetivos propostos, foi realizada uma pesquisa qualitativa. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 6 mulheres negras, com idade entre 20 e 30 anos, de cursos distintos da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, da Unidade São Gabriel. Os resultados obtidos demonstram que há uma modificação e ampliação da visão étnico-racial dessas mulheres a partir da entrada no ambiente universitário. Verificou-se que a formação contribui para a ampliação do pensamento crítico por parte de algumas dessas mulheres, quando essas se envolvem com o que é proporcionado pela universidade, como o intercâmbio cultural e político, o ensino e as relações interpessoais. Por fim, destaca-se que as mudanças estéticas, especialmente a transição capilar, que ocorrem com algumas dessas mulheres negras, contribuem para gerar modificações no seu posicionamento frente a situações de preconceito e discriminação.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres Negras; Transição Capilar; Universidade; Identidade negra; Imagem e Corporeidade.

ABSTRACT: The research described here had as general objective to analyze the narratives of black university women about their personal and social transformations from their higher education entering. In addition, the research had as specific objectives: a) to analyze the access and the integration process, as well as, the eventual difficulties experienced by black women within the university; b) to understand, through the black women's narratives, the self-representations, after entering into higher education and; c) to check if there was an expansion and / or modification of the ethnic-racial conscience based on the university experience. The theoretical framework of this study covered the affirmative policies that contribute to a great insertion of black women in universities and the themes related to gender, race and class discrimination that affect black women in their daily lives. A qualitative research was conducted to achieve the proposed objectives. Semi-structured interviews were carried out with 6 black women, aged between 20 and 30 years, from different courses at the Pontifical Catholic University of Minas Gerais (PUC-MG), at São Gabriel campus. Results shows there is a modification and expansion of the ethnic-racial vision of these women after entering the university environment. It was found that academic background contributes to expansion of critical thoughts from these women, when they get involved with what is provided by the university, such as cultural and political exchange, education and interpersonal relationships. Finally, it is emphasized that esthetic changes, especially the hair transition, which occur with some of these black women, contribute to generate changes in their positions in the face of situations of prejudice and discrimination.

KEYWORDS: Black Women; Hair Transition; University; Black Identity; Image and Corporeality.

¹ Psicóloga pela PUC Minas. abaalbino@gmail.com

² Doutora e mestre pela UFMG, professora Adjunta IV da PUC Minas. milmaravilhas2002@yahoo.com.br

1 INTRODUÇÃO

Este estudo teve como foco compreender como ocorre a (re)construção da identidade, da corporeidade e da autorrepresentação de mulheres negras que ingressaram no Ensino Superior. O objetivo geral buscou analisar as narrativas dessas mulheres acerca das transformações sociais e pessoais identificadas por elas a partir do ingresso no ensino superior. Para além disso, a pesquisa teve como objetivos específicos: a) analisar o acesso e o processo de integração, bem como as eventuais dificuldades vivenciadas por mulheres negras dentro da universidade; b) compreender, através de suas narrativas, as autorrepresentações acerca da imagem e de que forma isso influencia em sua identidade, a partir da entrada no ensino superior e, por fim, c) verificar se houve ampliação ou modificação da consciência étnico-racial a partir da vivência universitária.

A realização desta pesquisa foi uma decorrência de vivências próprias a uma das autoras, enquanto mulher negra, mas, para além, partiu também da convivência com outras mulheres negras que apontavam em suas falas uma mudança de posicionamento ao adotar transformações estéticas.

É importante sinalizar que a relevância desse tema associa-se às mudanças sociais que temos acompanhado e que apontam para uma presença mais intensa de mulheres negras em diversos espaços sociais.

Todavia, é preciso apontar que todas essas conquistas se deram a partir de lutas, na busca por espaço. Diversas mulheres negras têm se posicionado e enfrentado as dificuldades que dizem respeito à estrutura social, especialmente as desigualdades, relacionadas a gênero e raça.

A desigualdade é um traço marcante da sociedade brasileira e a persistência desse quadro faz com que diversos estudos se voltem para a perspectiva étnico-racial. Essa desigualdade vivida pelas pessoas negras é explicada por um arcabouço histórico. O Brasil foi o último país da América a abolir a escravidão. Desta forma, “este capítulo na história do país influenciou de maneira devastadora a condição e a qualidade de vida da população negra, principalmente, ao negar o direito de cidadania a este grupo populacional” (GUEDES, 2012, p. 24).

A partir dessas desigualdades vivenciadas pela população negra frente à população branca, a presente investigação teve como propósito debater algumas dessas questões, focalizando especificamente o ponto de vista de mulheres negras que vivenciam o contexto universitário.

2 ASPECTOS DA TEMÁTICA RACIAL HOJE

A temática racial está muito presente nas discussões das últimas décadas, no Brasil.

O vocábulo raça carrega um efeito de classificação social, assim como posto por López (2015):

A identificação de raças é, na realidade, uma construção social, política e cultural produzida no interior das relações sociais e de poder ao longo do processo histórico. São construções sociais elaboradas em um contexto específico, historicamente determinável, e são mediadas pelas relações de poder e suas pretensões de que seus membros podem ser valorizados a partir de certos rasgos congênitos (LÓPEZ, 2015, p. 31).

Ainda é válido lembrar que, no contexto brasileiro, o termo raça é frequentemente utilizado nas relações sociais para “determinadas características físicas, tais como: cor de pele, tipo de cabelo, entre outras, que influenciam, interferem e até mesmo determinam o destino e o lugar social dos sujeitos no interior da sociedade brasileira” (LÓPEZ, 2015, p.32).

A partir disso, pode-se compreender o conceito de racismo. O racismo age de forma a estabelecer uma hierarquia entre as raças através de relações de poder e dominação nas quais os brancos são privilegiados, gerando assim, a desigualdade.

A desigualdade, como já apontado, ainda se faz muito presente no contexto brasileiro e seu enfrentamento deve ocorrer reconhecendo-se a persistência do “mito” da democracia racial. Este mito busca, historicamente, escamotear problemas raciais brasileiros, ressaltando o quão positivo era para o país que houvesse uma multiplicidade de raças, tentando estabelecer uma imagem da tolerância do povo brasileiro e do seu otimismo quanto a miscigenação. Todavia, o mito da democracia racial pressupõe que o negro possuiu as mesmas possibilidades de ascensão social que a população branca. Contudo, ao mesmo tempo, no imaginário social, o racismo ainda “opera um mecanismo de desqualificação dos não-brancos na competição pelas posições mais almeçadas” (JACCOUD, 2008, p.52).

2.1 Raça e Universidade

Considerando o exposto, focalizaremos as condições de entrada no ambiente universitário, especialmente no que se refere à mulher negra.

As dificuldades de entrada do negro na universidade são atravessadas por diversos processos históricos. Como discutido por Guedes (2012), há “problemas estruturais da socie-

dade brasileira, que precisam ser enfrentados, entre os quais se destacam a pobreza dos “negros” e a baixa qualidade das escolas públicas” (GUEDES, 2012, p.55).

Um dado do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) aponta que apenas 10% das mulheres negras de todo país conseguem concluir o Ensino Superior, devido aos fatores estruturais mantenedores de desigualdade. (CARTA CAPITAL, 2017).

No entanto, atualmente, há transformações no âmbito educacional brasileiro. Como indica Moehlecke (2002, p. 198) “as políticas de ação afirmativa, também designadas política de cotas, reserva de vagas, ação compensatória, [são medidas] que veiculam tema e experiência relativamente novos no debate e agenda pública brasileira”.

As ações afirmativas agem dentro das políticas públicas e surgiram na tentativa de minimizar desigualdades vividas por alguns grupos. Para Moehlecke (2002, p. 199) “seu público-alvo variou de acordo com as situações existentes e abrangeu grupos como minorias étnicas, raciais e mulheres”.

Essas políticas e outras adotadas posteriormente, como o Programa de Financiamento Estudantil (FIES), por exemplo, contribuem para a paulatina redução da desigualdade racial brasileira, possibilitando maior inserção dos negros na Educação Superior.

Para além dos desafios encontrados para entrada no ensino superior, é importante pensar nas políticas de ação afirmativa que visam à permanência das pessoas negras nas universidades. De modo geral, as universidades públicas brasileiras adotam programas de assistência estudantil para seu corpo discente que são sustentadas pelo tripé alimentação, bolsa trabalho/manutenção e moradia (bolsa moradia ou residência universitária). No entanto, essas ações desconsideram vivências específicas do cotidiano de pessoas pobres e negras, que ultrapassa o viés puramente econômico, financeiro e material, mas diz também da importância de ter um olhar para as necessidades educativas, recursos mínimos de sobrevivência, dentre outros problemas que precisam ser acompanhados. Segundo Mayorga e Souza (2012, p. 273):

No entanto, essas ações diretas para os estudantes exigem uma mudança de referência qualitativa e quantitativa quando se considera a existência de modalidades de ação afirmativa no ingresso de estudantes à universidade. Nesse caso, a assistência estudantil não pode se resumir a uma ação direta para o estudante, como o repasse de verba, por exemplo, mas precisa se constituir como um conjunto de ações ampliadas que considere a especificidade do estudante que acessa a universidade e uma leitura sobre as dinâmicas de inclusão e exclusão dentro dessa instituição. (MAYORGA; SOUZA, 2012, p. 273)

No que tange as políticas em universidades particulares, os recursos são limitados e praticamente inexistentes para contribuir com a permanência das pessoas negras dentro da universidade.

2.2 Gênero e Raça

Boa parte das mulheres negras convive com uma tríplice opressão: de gênero, de raça e de classe. No tocante a esses elementos, pode-se indicar que eles se sobrepõem e podem ser estudados à luz do conceito de interseccionalidade. Para Crenshaw (2002):

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento. (CRESHAW, 2002, p. 177)

Neste sentido, compreendemos que a interseccionalidade visa analisar as opressões existentes a partir do momento que se entende a estrutura social e as formas de desigualdade e discriminação que são originárias de múltiplas questões que perpassam o indivíduo.

É importante ressaltar que as mulheres negras possuem particularidades e vivências de opressões muito específicas que não desqualificam as desigualdades vividas por mulheres brancas, “porém é necessária a compreensão que a mulher negra experimenta um conjunto de desvantagens sociais que resultam em uma posição social inferior à da mulher branca”. (COELHO; GOMES, 2015, p. 06). Esse conjunto de desvantagens vividas pela negra, exemplifica o conceito de interseccionalidade.

A discussão sobre gênero e raça acontece com muita intensidade, na atualidade, dentro dos movimentos negros feministas, uma vez que essas mulheres tomam consciência das relações assimétricas e das particularidades de suas demandas, além da percepção do quanto essas desigualdades se tornam naturalizadas socialmente. Como aponta Santos, “para esse grupo exige-se comprovar mais vezes, sua competência. Logo, é possível afirmar que a questão de gênero é um complicador, e se esta for somada à questão de raça, o resultado é maior exclusão social” (SANTOS, 2009 apud GUEDES, 2012, p. 19). Deste modo, essas mulheres se tornam novos sujeitos políticos que buscam desenvolver dentro dos movimentos feministas negros a

quebra dessa desigualdade de raça e gênero, levando outras mulheres que fazem parte do movimento a essa politização.

2.3 Corporeidade e identidade da mulher negra

Segundo Gomes (2006), ao falarmos da corporeidade da mulher negra, é impossível não tratar das questões de identidade negra, visto que se tem vivido um momento de revalorização e ressignificação da consciência de ser negra para muitas mulheres.

Falar de autoimagem do negro é tratar diretamente de processos de dominação política, cultural, histórica e econômica que dizem do conflito racial vivenciado no país, trazendo a necessidade de a mulher negra de se reinventar diariamente, visto que existe “um padrão de beleza corporal real e um ideal. No Brasil, esse padrão ideal é branco, mas o real é negro e mestiço” (GOMES, 2006, p. 03).

No tocante à corporeidade da mulher negra, o cabelo se torna parte essencial e significativa para esta mulher frente à busca por valorização social e de como a mesma se vê. Santos (2012) pontua:

[...] o cabelo crespo para as mulheres negras tem grande significado na construção de suas identidades corpóreas, assim como na construção de sua autoestima. Percebemos que sobre o cabelo se construíram diversas formas de identidades, no entanto prevalecendo na maioria dos discursos, em algum momento da vida das entrevistadas uma forte identidade negativa sobre os cabelos crespos. (SANTOS, 2012, p.04)

O cabelo e o corpo, como já exposto, dizem da identidade do sujeito, e quando tratamos de identidade dizemos que essa “só existe perante a relação com outro indivíduo. A identidade é social e permeada pela diferença sobre o outro” (SANTOS, 2012, p. 09). A identidade negra brasileira é originária de diversas culturas africanas. No entanto, no Brasil “a identidade nacional é elitizada, e apenas ressalta a contribuição do colonizador, as culturas negras são vistas em segundo plano” (SANTOS, 2012, p.05), o que culmina em preconceitos que historicamente alicerçam a identidade do negro.

Ao longo do tempo, vê-se paulatinamente que algumas mulheres negras, especialmente as que vivem na área urbana buscam se politizar quanto a esses assuntos.

3 METODOLOGIA

No estudo aqui apresentado fez-se uso de uma metodologia de concepção qualitativa. Esse tipo de pesquisa tem como intuito explorar e compreender as significações e sentidos que o sujeito analisado dá ao mundo, ou seja, “existe o interesse em apanhar também o lado subjetivo dos fenômenos, buscando depoimentos que se transformam em dados relevantes também oriundos de pessoas simples” (DEMO, 2000, p. 152).

Geralmente, a pesquisa qualitativa está presente no campo das ciências sociais e utiliza de um método mais descritivo. Ela também se diferencia da análise quantitativa, uma vez que a última tem a intenção de fazer análises baseadas em dados numéricos, como apontado por Neves (1996).

A partir desses apontamentos, o presente trabalho teve como objetivo fazer uso do estudo de caso como meio de pesquisa descritiva para melhor compreender como se dá a resignificação corpórea e de identidade de mulheres negras que ingressaram no ensino superior. O estudo de caso tem como proposta explorar e descrever acontecimentos presentes na sociedade, a fim de explicar os atravessamentos de uma realidade. Em vista disso, Cervo, Bervian e Silva (2007) apontam o estudo de caso como uma pesquisa “sobre determinado indivíduo, família, grupo ou comunidade que seja representativo de seu universo, para examinar aspectos variados de sua vida” (CERVO; BERVIAN; SILVA, 2007, p. 62).

No que tange à pesquisa de campo, inicialmente, foi realizada a captação dessas mulheres através da rede de contatos da pesquisadora e, em seguida, deu-se início à coleta de dados, que ocorreu por meio de entrevistas semiestruturadas. No total, foram entrevistadas seis mulheres negras, com idade entre 20 e 30 anos.

Assim como exposto por Cervo, Bervian e Silva (2007), a entrevista age como “uma conversa orientada para um objetivo definido: recolher, por meio do interrogatório do informante, dados para a pesquisa” (CERVO; BERVIAN; SILVA, 2007, p. 51). No que se refere especificamente a entrevista semiestruturada, Boni e Quaresma (2005) expõem que estas entrevistas combinam perguntas abertas e fechadas, nas quais o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. O pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal.

As entrevistas seguiram um roteiro que, longe de se constituir em camisa de força, teve algumas alterações, para que houvesse melhor compreensão do que se apresentava durante a conversa.

As entrevistas foram gravadas e transcritas posteriormente. Após a transcrição, foi realizada uma análise das entrevistadas, fazendo uso da Análise do Conteúdo (AC). Segundo Caregnato e Mutti (2006), a análise de conteúdo é “uma técnica de pesquisa que trabalha com a palavra, permitindo de forma prática e objetiva produzir inferências do conteúdo da comunicação de um texto replicáveis ao seu contexto social. Na AC o texto é um meio de expressão do sujeito” (CAREGNATO; MUTTI, 2006, p. 682). A análise realizada foi de natureza temática.

Por fim, para se realizar tal estudo, foram observados preceitos éticos. Todos os nomes foram alterados para resguardar a identidade de cada participante da entrevista. Elas tiveram posse do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O TCLE é o documento no qual constam os objetivos da pesquisa, quais os procedimentos adotados e o que se buscava com os dados colhidos através das entrevistas realizadas. Ele garante, ainda, o sigilo da investigação.

4 RESULTADO E DISCUSSÕES

Apresentamos, a seguir, a análise de dados realizada a partir das entrevistas que envolveram mulheres negras universitárias, de cursos distintos da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, da Unidade São Gabriel.

Para melhor compreensão dos relatos ao longo da análise, segue um quadro de caracterização das entrevistadas:

Quadro 1 – Caracterização das Entrevistadas

NOME FICTÍCIO	IDADE	CURSO E PERÍODO
Cássia	23 anos	Psicologia, 8º período
Lúcia	21 anos	Psicologia, 7º período
Jéssica	22 anos	Engenharia Civil, 6º período
Luana	21 anos	Publicidade e Propaganda, 4º período
Tatiana	22 anos	Psicologia, 7º período
Brenda	25 anos	Engenharia civil, 8º período

Fonte: Elaborado pelas autoras com dados extraídos das entrevistas realizadas.

Os dados serão apresentados observando-se as seguintes categorias de análise: a) Aqui chegamos, aqui ficamos. Este lugar também é nosso! e b) Cabelo, cabeleira, cabeluda, desca-belada.

4.1 Aqui chegamos, aqui ficamos. Este lugar também é nosso!

Na realização das entrevistas, ao questionarmos sobre a entrada da mulher negra dentro do espaço universitário e sobre os papéis que a mesma vem ocupando, vários pontos foram levantados pelas graduandas.

O primeiro deles refere-se à qualidade do ensino básico que a população negra tem recebido e como isso pode ser um dificultador quanto à entrada na universidade.

A educação é um fator de grande importância para o crescimento do ser humano, em especial do ponto de vista da cidadania. Assim como posto por Guedes (2012)

A educação é um elemento da vida social responsável pela organização da experiência dos indivíduos na vida cotidiana [...] e pela garantia da sobrevivência e do funcionamento das próprias coletividades humana. (GUEDES, 2012, p. 44)

Para além dos problemas de qualidade, dentro do contexto escolar, se apresenta, diversas vezes, a reafirmação de estereótipos sobre o negro e a negra:

As imagens de negros, quando presentes nos livros e material didático, estão fortemente marcadas por preconceitos e estereótipos inferiorizantes. Atitudes racistas e práticas discriminatórias se reproduzem não somente fora, mas também dentro da escola. Não é surpreendente que este contexto dramático exerça forte influência sobre a auto-estima e sobre o estímulo dos estudantes negros em frequentar a escola. (JACCOUD; THEODORO, 2007, p. 115)

Considerando esses pontos, podemos refletir sobre a entrada, especialmente da mulher negra no contexto universitário, pensando na educação formal de base, assim como as barreiras sociais, econômicas e políticas que devem ser enfrentadas para se alcançar esse espaço.

Durante as entrevistas, ao serem questionadas sobre o ingresso na universidade, as alunas Cássia e Tatiana apontam:

[...] essa questão do contexto político me favoreceu, porque eu nasci numa geração que entrar na universidade era muito mais fácil. (Cássia, estudante de psicologia)

Olha, não vou dizer que é fácil, mas eu vejo que vem crescendo, vem melhorando bastante. Quando eu entrei, eu via menos pessoas negras talvez, do que agora. Não sei dizer porque você entra na sala e negro ainda é minoria, tem geralmente uns 3 ou 4. (Tatiana, estudante de Psicologia)

Quando as entrevistadas se referem ao contexto político em que ingressaram na universidade, se reportam às políticas de ação afirmativa que visam à democratização do acesso as universidades e que, por anos, foram demandadas pelo movimento negro. Estas políticas, como se sabe, aconteceram de forma efetiva através de programas como o PROUNI e SISU. Desta forma, na atualidade “[...] muitas universidades contemplam o critério étnico ou racial como ser oriundo de escola pública e/ou ser carente. Isso acaba por permitir que estudantes mais pobres cheguem à universidade” (HERINGER; FERREIRA, 2011/2012, p. 05).

Ressalta-se, também, o Fundo de Financiamento Estudantil (FIES), modelo de financiamento que tem contribuído para maior inserção de diversas pessoas na universidade.

A importância de políticas que oportunizem a entrada de negros e negras na universidade é exemplificada quando vemos que somente uma dentre as entrevistadas não conta com alguma modalidade de bolsa de estudo ou financiamento:

Quadro 2 – Modalidade de Bolsa

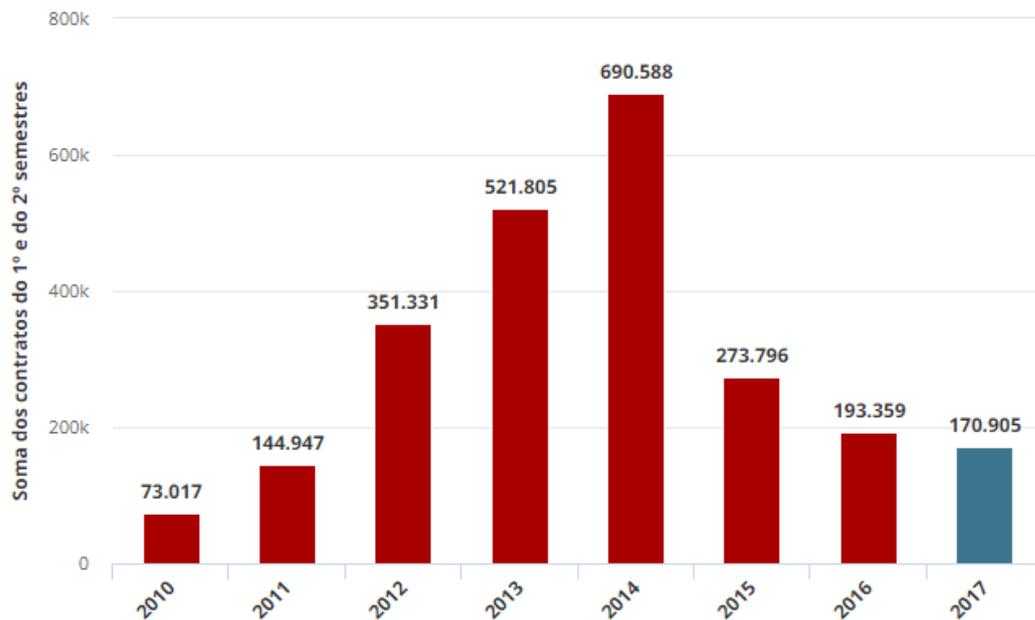
NOME	MODALIDADE DE BOLSA
Cássia	100%FIES
Lúcia	Não possui bolsa de estudos ou financiamento.
Jéssica	50% ProUni 25% FIES
Luana	100% ProUni.
Tatiana	60% FIES
Brenda	100% ProUni

Fonte: Elaborado pelas autoras com dados extraídos das entrevistas realizadas.

Os relatos das entrevistadas apontam a necessidade e importância dessas políticas que possibilitam a entrada de mais mulheres negras e de periferias no ambiente universitário:

Então, aí que eu resolvi fazer o financiamento mesmo, pra poder ingressar, [...] e eu consegui 100%, uma vez que [se] eu não consigo, minha família não consegue dar esse suporte, pagar mesmo a faculdade. (Brenda, estudante de Engenharia Civil)

Por outro lado, o FIES vem sofrendo grandes alterações na atualidade. Um levantamento feito pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) e publicado pela página G1, aponta os dados abaixo:

Gráfico 1 – Contratos anuais do Financiamento Estudantil

Fonte: FNDE, publicado pelo Portal de Notícias Globo (G1) (2018)

A queda que tem ocorrido no financiamento, desde o ano de 2015, é reflexo do momento econômico e político brasileiro, e foi materializada pela adoção de novos requisitos para a inserção no programa. Com todos os novos critérios e processos seletivos, a entrada no Novo Fies tornou-se cada vez mais complexa e restrita, o que causa a exclusão de vários alunos do programa e o enfrentamento de diversos problemas para a manutenção, por parte dos estudantes, de seus contratos com as instituições em estudam.

A representatividade da mulher negra dentro do ensino superior tem superado barreiras e tem crescido. Todavia, é preciso indicar que esta mulher ainda é minoria dentro do contexto universitário. Segundo pesquisas realizadas pelo IBGE, “o percentual de mulheres brancas com ensino superior completo é mais do que o dobro do calculado para as mulheres pretas ou pardas, isto é, 2,3 vezes maior” (IBGE, 2018, p. 06). Esta pesquisa demonstra que cor e raça ainda são fatores de desvantagem e que geram desigualdades em relação ao âmbito educacional.

Além da presença, ainda escassa, da mulher negra dentro das universidades, essas mulheres, quando neste ambiente universitário, muitas vezes acreditam que, para merecer o espaço em que estão inseridas, devem demonstrar um potencial maior, uma conduta diferente e notas boas.

Podemos citar, como exemplo, uma questão levantada pela estudante Lúcia, que diz do olhar direcionado às mulheres negras dentro do contexto universitário, como se elas tivessem que fazer ações que demonstrem o seu merecimento de estar em tal local privilegiado:

[...] quando a gente entra aqui, a gente tem meio que uma imagem, uma imagem de uma obrigação de esforço, sabe? Dá uma impressão que por estar aqui, a gente tem que se esforçar muito mais. [...] é uma questão assim, que permeia toda a vivência, então, quando tem uma outra mulher negra também na sua turma, você fica esperando que ela também seja esforçada, sabe? Eu tava me policiando sobre isso porque você fica assim: “nossa ela é mulher negra, né, ela devia falar sobre isso”, sabe assim? Uma coisa assim? [...] então esse lugar da mulher dentro da universidade, eu acho que remete a essa ideia sempre existente de ser melhor, se mostrar melhor, estar sempre à frente de alguma coisa. (Lúcia, estudante de Psicologia)

No entanto é importante compreender que somente o esforço individual de cada pessoa negra não é o suficiente quando há um “descortinamento do arranjo societário que relega ao negro um lugar natural nas ocupações de baixo prestígio” (ARBOLEYA; MEUCCI, 2015, p. 910). Ocupar espaços de destaque, por vezes, causa estranheza à própria mulher negra que, diversas vezes, possui o sentimento de que tal lugar não pertence a ela, e nisso consiste a luta diária para quebrar esse estigma e universalizar a presença da mulher negra em qualquer lugar social.

A universidade é o “lugar da produção social do conhecimento, da circulação da produção cultural em diferentes áreas do saber e do permanente exercício da crítica histórico-social”. (LIBÂNEO; PIMENTA, 1999, p. 262). Em vista disso, é um espaço que modifica as pessoas em diversos aspectos. O espaço universitário se torna lugar de transformação. As estudantes de Engenharia Civil, Jéssica e Brenda, respectivamente, falam de suas experiências da seguinte forma:

Eu acho que a universidade, ela tem esse poder de abrir portas, de abrir pensamentos e de te jogar pra frente, vamos dizer assim. [...] então, assim, a PUC me deu bastante embasamento pra conseguir ter essa consciência de tipo, o meu lugar de mulher negra, de mulher de periferia, de bolsista dentro de um curso que antigamente, hoje em dia eu não vejo tanto, mas um curso um pouco mais fechado pra essas questões. (Jéssica, estudante de Engenharia Civil)

Após eu entrar na Universidade, os olhares das pessoas também mudaram [...] eu comecei a virar outra pessoa mesmo, de ter mais segurança, sabe, de saber o que eu quero e lutar pelo o que eu quero. Então, assim, me influenciou sim, me influenciou muito. (Brenda, estudante de Engenharia Civil)

Para além disso, a universidade se tornou, para muitas, lugar de militância e luta, na busca por igualdade racial e de gênero. A aluna de Psicologia Tatiana quando questionada

sobre o papel e o lugar que a mulher negra vem ocupando na universidade em que estuda, aponta:

[...] lugar de militância. Porque a maioria das mulheres negras que eu conheço aqui, elas estão tentando lutar por algo, pra ser ouvida ou pra desmistificar algo, acho que esse é o lugar que a mulher negra aqui tem ocupado atualmente. (Tatiana, estudante de Psicologia).

É possível dizer do lugar de fala dessas mulheres, uma vez que assim como elucidado por Ribeiro (2017), o conjunto de experiências similares vivenciadas por elas as colocam na posição de relatarem suas realidades em contraposição à normatização hegemônica, visando através de suas denúncias, minimizar as desigualdades.

Desta forma, Lúcia acrescenta:

Bom, eu acho que a gente tá ganhando mais representatividade nos ambientes. Recentemente, tenho observado, assim, muitos cabelos crespos, muitas roupas coloridas, muita, muita etnia, sabe, assim se mostrando. Então, eu acho que isso advém de alguma coisa, que talvez começou em uma universidade, não sei. Mas advém de um movimento, que as mulheres negras estão fazendo e se mostrando mais do que antes (Lúcia, estudante de psicologia).

Contudo, como veremos a seguir, durante o processo de pesquisa, foi possível identificar que o curso de cada graduanda exerce uma grande influência de forma a contribuir, ou não, para uma formação mais ampla e humanística.

4.2 Influência do curso nas experiências pessoais.

Ao longo das entrevistas, tornou-se perceptível as diferentes formas com que as alunas se envolviam com disciplinas que estudam as relações humanas e sociais, durante a graduação.

De maneira mais clara, o discurso das alunas de psicologia trouxe à tona a questão de como o curso, devido ao seu teor, aborda de forma profunda as teorias que dizem respeito às relações humanas e sociais. Entende-se que o espaço universitário é um lugar em que “o aluno constrói representações internas do conhecimento, que resultam numa interpretação pessoal das suas experiências” (SANTOS; MOGNON, 2010, p. 230). Portanto, uma formação ampliada e que busca compreender o sujeito em suas várias dimensões pode contribuir para uma vivência distinta da mulher negra dentro da universidade, em especial, em se tratando das questões de gênero. A aluna Lúcia, em relação ao curso de psicologia, aponta que:

Acho que em função de muitas coisas, tanto pelas coisas que a gente vê aqui dentro, né, principalmente pelo curso de psicologia que eu acho que te quebra totalmente. Te dá uma quebrada em função de várias coisas, paradigmas quanto pressupostos que você tem [...] assim te dá uma cutucada mesmo. Mas, o curso também me abriu a possibilidade de pensamento dessas outras pessoas também. Então, pensar em não só nessas coisas que te quebram em função do mundo, mas observar também que existem pessoas dentro da faculdade que existem de outras formas diferentes de mim e que talvez eu não tinha me atinado pra isso. (Lúcia, estudante de psicologia)

Na contramão do depoimento de Lúcia, vê-se a importância da fala da aluna de Engenharia, Jéssica, quando ela aborda a questão de ser uma mulher negra dentro de um curso no qual predominam os homens brancos, advindos de classe média. Jéssica também ressalta sobre a formação humanística e social insuficiente e/ou empobrecida, que, em sua visão, marcam o seu curso:

Quando eu entrei no meu curso, não teve um que, quando eu falava que ia fazer Engenharia Civil, [não] falava “nossa, não tem nada a ver com você.” E eu ficava: “gente, porque não tem nada a ver comigo?” Eu nunca expressei vontade nenhuma de fazer nenhum outro curso, eu fiz curso técnico quando eu tinha 15 anos e já era voltado pra essa área, então tipo assim, eu ficava: “porque que não é pra mim? Porque que todos acham que não tem nada a ver comigo?” Então, tipo, no início do meu curso, eu pensei muito se era isso mesmo que eu queria fazer por causa das pessoas terem contestado tanto a minha vontade. E aí, depois que eu entrei na PUC e participei de algumas coisas, com esse amadurecimento eu comecei a pensar que não, nós também com consciência de mulheres negras, com consciência de periferia, eu vejo que eu sou um pouco discrepante do restante do meu curso, por isso, por lidar com coisas mais sociais. E aí, depois do 3º, 4º período pra cá, eu comecei a tomar consciência de que o errado não sou eu de estar nesse curso, o errado é o curso não ter mais pessoas com os pensamentos mais sociais, eu comecei a perceber que isso não é porque o curso não é pra mim, é porque precisa de mais pessoas com pensamentos um pouco mais globais, no curso de Engenharia e nos cursos de exatas (Jéssica, estudante de Engenharia Civil).

Segundo as entrevistadas que estudam psicologia, o curso possibilita reflexões não somente sobre si e das questões de sua identidade enquanto mulher negra, mas também de como as mesmas se posicionam no mundo. A graduanda Cássia indica que:

[...] eu não sei se num curso de Sistemas de Informação que tem uma mulher negra vai ter essa transformação, mas os cursos que te colocam numa reflexão crítica, eu acho que essa transformação ela é, se não acontece, ela te influencia. (Cássia, estudante de Psicologia)

A educação superior convoca o estudante a um envolvimento diferenciado com o mundo que o cerca, com diversos assuntos, com o intercâmbio cultural e político com a instituição e com as pessoas que nela circulam, e as mudanças se tornam evidentes no aluno, principalmente quando esse se envolve nas propostas que a academia oferta.

Todas essas questões colocam a universidade como um ambiente que pode contribuir para reflexão e a crítica, colaborando para a (re)construção de posicionamentos sobre o mundo, o que gera mudanças não somente no âmbito profissional, como também, na esfera pessoal e social.

4.3 Cabelo, cabeleira, cabeluda, descabelada

Como discutido nos tópicos anteriores, a universidade oferece, para algumas mulheres negras, um espaço de discussão e reflexão que elas têm utilizado para estudar sobre as relações étnico-raciais, explorá-la, discuti-la e, em muitos casos, militar sobre questões sociais que estão em voga, o que colabora para a prática de um pensamento crítico que pode contribuir para uma perspectiva de mudança. Para além disso, as graduandas pontuaram fortemente como o pensamento e o posicionamento das mulheres negras implicam, muitas vezes, em alterações também em relação à estética.

Na fala da aluna de psicologia Cássia, o ato de aprender sobre a temática racial ajuda a *florescer*:

[...] eu percebi isso comigo e em outras mulheres da universidade, que quando você começa a aprender, você começa a mudar de dentro pra fora assim, você começa a enxergar o que você é e aí você floresce, você meio que floresce, sabe? (Cássia, aluna de psicologia)

Aprender gera conhecimento do mundo e de si. Esse conhecer possibilita uma mudança de dentro para fora, que pode gerar impactos na identidade e na imagem das mulheres negras que passam por essas modificações, ocasionando uma transformação simultânea.

A (re)construção desta identidade não acontece de forma isolada uma vez que, ao estabelecer suas relações, cada mulher é perpassada por ideias, comportamentos, sentimentos e atitudes de todos que a cercam:

É nesse sentido que entendo a identidade negra como uma construção social, histórica e cultural repleta de densidade, de conflitos e de diálogos. Ela implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/ racial, sobre si mesmos, a partir da relação com o outro. Um olhar que, quando confrontado com o do outro, volta-se sobre si mesmo, pois só o outro interpela a nossa própria identidade (GOMES, 2002, p. 39)

Como discorre Munanga (2012), para falarmos de identidade negra, temos que compreender o contexto em que estamos e, compreendendo a realidade brasileira, entende-se cla-

ramente que somos de um país multicultural e multirracial, o que possibilita o uso do termo identidade negra. Em vista disso, esta pesquisa se propõe a escutar a fala dessas mulheres, pois importa entender a “identidade vista do ponto de vista da comunidade negra através do seu movimento social e de suas entidades políticas” (MUNANGA, 2012, p. 10). Falar de identidade negra, da identidade de mulheres negras, implica falar necessariamente de pigmentação, de ser retinta, de cor de pele.

A universitária Luana diz de uma forte convicção do seu lugar, do orgulho de ser quem é, que deve vir especialmente das mulheres negras, considerando os preconceitos de raça e gênero que atravessam seu cotidiano. Luana conta que:

Eu trabalho num lugar que não tem muitos negros [...] assim negro, negro, negro que se entende, que conhece, que se identifica como negro assim, são poucos. Eu acho muito necessário a gente falar disso, não porque, pra afirmar identidade, se autoafirmar, mas porque tipo assim, branco é branco e eles já nascem com um orgulho: “- eu sou, eu sei quem eu sou.” E, muitas vezes, o negro não tem isso, a mulher então piorou. Então, não é uma questão, tipo assim, de se reafirmar no mundo, é de tomar um posicionamento como pessoa mesmo, eu sou uma pessoa e eu sou negra tal, tal, tal. (Luana, estudante de Publicidade e Propaganda)

A identidade da mulher negra está perpassada também pela sua relação com seu corpo e seu cabelo. Como indicado por Gomes (2006): “Para o negro e a negra o cabelo crespo carrega significados culturais, políticos e sociais importantes e específicos que os classificam e os localizam dentro de um grupo étnico/racial” (GOMES, 2006, p. 07). Desta forma, entende-se que o cabelo se torna forma de comunicação, de estar e se posicionar no mundo e que a emissão de opiniões da sociedade em relação ao cabelo dessa mulher negra impacta diretamente a vida do sujeito.

A aluna Cássia possui cabelo cacheado, com fios de textura lisa, longos e que não “armam” tanto quanto os cabelos crespos. Trata-se de um tipo de cabelo que, de forma geral, é mais aceito pela sociedade. Quando questionada sobre tal temática, Cássia aponta que:

[...] eu acho que outros cabelos, tipo cabelo crespo, que é menos aceitável que o meu cabelo, porque o meu cabelo é mais aceitável, que as pessoas vão falar: “bonito e legal.” O cabelo crespo ele não é tão aceito como o meu, então, eu acho que o meu cabelo é o meu modo de resistir e mostrar pro mundo como eu sou e como ser negra é bonito, e como ser negra é bom, mas as mulheres que têm o cabelo crespo e black eu acho que é um modo de resistência ainda maior que o meu, sabe? (Cássia, estudante de Psicologia)

A aluna Tatiana também traz seu posicionamento quando a representatividade do cabelo quando diz:

Eu vejo o meu cabelo natural como um modo de ser negra, tanto que eu assumi o meu cabelo pra me afirmar como negra, eu decidi por isso. (Tatiana, estudante de Psicologia)

As falas de ambas levam à compreensão que a decisão de usar o cabelo natural, pode também “representar um processo de reconhecimento das raízes africanas assim como de reação, resistência e denúncia contra o racismo. E ainda pode expressar um estilo de vida ” (GOMES, 2006, p. 08). Desta forma, entendemos que além de uma questão de estilo, o cabelo representa a negritude³ em si para essas mulheres, representa a sua resistência, especialmente para as mulheres de cabelo crespo, quanto a um padrão cristalizado e imposto do que é belo e valorizado na sociedade. O cabelo possibilita a valorização das raízes e instiga a busca por um conhecimento histórico.

Nesta busca por reconhecimento e a valorização das raízes, os salões de beleza que possuem um foco específico em cabelos afros estão se tornando bastante populares.

O mercado de produtos capilares tem acompanhando essas mudanças e embarcado na popularidade desses salões étnicos.

Deste debate, nasce o processo nomeado de transição capilar, no qual homens e mulheres passam por um período deixando o cabelo crescer naturalmente e realizando o corte de toda a química presente na estrutura capilar. Cássia aponta que:

[...] eu fazia escova toda semana e eu amava e me amava de escova. Só que eu comecei a me amar de cabelo cacheado também, e veio junto com as coisas que eu estava aprendendo aí eu: “deixa eu descobrir então qual cabelo que eu tenho”. (Cássia, estudante de Psicologia)

Todas as entrevistadas passaram por esse processo de transição e, ao fazer o relato, o caracterizam como um momento árduo, que atinge de modo especial a autoestima da mulher.

No entanto, estas mulheres também falam do período da transição como momento de reconhecimento e forma de marcar uma ancestralidade, um momento que muda o cotidiano da mulher negra, e que possui muitos significados nas relações sociais, seja no trabalho, em casa, na própria universidade e na rua. Em muitos locais, elas não encontram apoio na busca dessa afirmação de sua negritude através do cabelo, pelo contrário, encontram apontamentos negativos e palavras por vezes ofensivas.

³ Compreende-se aqui o conceito de negritude como uma valorização do ser negro e de suas raízes, assim como apontado por André (2007), “a negritude poderá ganhar relevância tanto como definição quanto como forma de ação a partir do momento em que houver a aceitação e valorização do “ser negro”, dos objetos representativos dessa origem, da identificação com a ancestralidade, da luta pela afirmação e emancipação, garantindo um lugar como protagonista e cidadão ” (ANDRÉ, 2007, p. 97).

Em relação ao momento de transição, Jéssica, Brenda e Luana apontam:

Eu tenho uns 4 ou 5 anos que eu comecei a fazer a transição capilar e acho que foi mais nessa fase da minha vida que eu comecei a me reconhecer mais [...] foi muito difícil, porque nossa, é uma coisa assim, acho que é também assumir não só a questão da transição capilar, mas é uma transição de identidade também, que você começa a assumir as suas origens de fato. Então, assim, foi um período muito difícil, encorajamento eu tive pouquíssimos e, nossa, foi bem tenso. Hoje em dia eu agradeço muito quem me encorajou, mas foi bem difícil. (Jéssica, estudante de Engenharia Civil).

Na faculdade, no início, quando eu fiz a mudança, fiz a transição, eu sofri na sala de aula mesmo, de brincadeiras que você via que tinha um pouquinho de preconceito, entendeu? [...]. Tinha poucos alunos negros na minha sala, tinha uma dificuldade maior, muito preconceito. Quando eu fiz a transição, então, nossa, muitas críticas, muitas mesmo e eram várias pessoas. (Brenda, estudante de Engenharia Civil)

Eu lembro que foi um processo quase depressivo, eu fiquei bastante deprimida. Meu primeiro semestre aqui eu era uma pessoa completamente diferente que eu era fora, porque aqui as pessoas me aceitavam, tava super legal e tal, então, eu vivi naquela bolha universitária, meio que tipo, sou diferente, sou a menina que tá fazendo transição, mas lá fora era muito difícil. Eu basicamente, como não trabalhava, eu ficava o dia inteiro em casa ou ajudava minha mãe no restaurante dela de manhã, eu ia pra casa, ficava o dia inteiro em casa e vinha pra PUC. Final de semana eu não saía de casa, eu faltei em casamento da minha tia, da minha família, porque eu não tava bem com o meu cabelo, eu não saía de casa, eu não conversava com o pessoal, sempre que eles conversavam comigo, eu falava: “gente eu tô muito ocupada com a faculdade.” Eu fiquei assim 5 meses. (Luana, estudante de Publicidade e Propaganda).

Durante longos anos, a textura lisa era a valorizada, em particular, entre as mulheres. Contudo, na atualidade este movimento de deixar o cabelo natural tem desencadeado um sentimento de liberdade nas mulheres negras, além de influenciar e despertar o desejo em outras mulheres a passar por esse processo. Isto é evidenciado na fala de Brenda, quando se posiciona sobre seu cabelo:

[...] hoje em dia quando precisava escovar pra ver como ficou o corte do cabelo cacheado, eu olho no espelho e não me vejo, não me vejo, eu olho assim: “como assim uma “nega” do cabelo liso?” Não tá certo. Então, eu não me vejo hoje com cabelo liso, é tanto que quando eu escovo, eu olho assim: “alguma coisa tá errada.” Aí assim, é tanto que da última vez que fiz, eu fiz num dia e lavei no outro porque eu não dou conta de ficar mais. Eu, hoje, me olho no espelho e me vejo, uma negra forte, batalhadora, que é o que sou (Brenda, estuda de Engenharia Civil).

Reconhecer-se como negra forte e batalhadora, demonstra o quanto as questões de cabelo e identidade estão atreladas e afetam diretamente a autoestima e a forma de estar no mundo da mulher negra.

O feminismo de terceira onda e o feminismo negro agem de forma a colaborar na conscientização da mulher negra, para que a mesma busque o seu lugar de fala, compreenda

as intersecções de desigualdade e continue buscando e ocupando outros espaços. Ele age de forma que essas mulheres procurem se reconhecer e se ver, como indicado por Brenda, como a negra forte que se é.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo analisar as narrativas de mulheres negras acerca das transformações sociais e pessoais identificadas por elas a partir da inserção no ensino superior.

Diante o exposto, o estudo realizado apresentou algumas respostas e abriu caminho para novas buscas. Foi visto que a entrada e permanência dentro da universidade não se dão sem desafios para as mulheres negras. A análise realizada indicou algumas das dificuldades vividas por essas mulheres para a inserção no ambiente universitário como, por exemplo, o preconceito em relação ao gênero e raça e a necessidade de conseguir algum tipo de bolsa de estudo ou financiamento estudantil para realização dos estudos. Estes temas foram estudados à luz da interseccionalidade uma vez que muitas dessas mulheres alcançaram o ensino superior tendo que superar diariamente preconceitos de gênero, raça e, por vezes, classe.

Além disso, estar no ensino superior colabora para um aprendizado que diz respeito não só ao ensino, mas para além, para uma formação pautada em um pensamento mais crítico. Tudo que pode ser proporcionado pelo ambiente universitário pode cooperar para um novo olhar sobre o lugar sobre a mulher negra, gerando, em muitas mulheres, uma nova autorrepresentação de si.

Este novo olhar sobre si pode acarretar mudanças estéticas e no posicionamento dessas mulheres sobre suas identidades quanto negras. Essas mudanças estéticas e pessoais, todavia, não são realizadas por todas as mulheres negras universitárias. No entanto, foi percebido que, na atualidade, essas modificações vêm ocorrendo com muitas delas. Não se pode afirmar quais transformações se dão primeiro, uma vez que cada mulher vivencia a universidade de forma distinta. De modo geral, a partir das narrativas das mulheres, percebeu-se que houve uma ampliação e/ou modificação da consciência étnico-racial a partir da vivência universitária.

Um aspecto a ser indicado, tendo em vista a realização de um estudo de caso, é que os dados coletados não podem ser generalizados.

Como possibilidade de estudos futuros indica-se a pertinência de explorar as questões da sexualidade da mulher negra, visto que, da mesma forma que focalizamos as diversas formas de preconceito vividos pela mulher negra advindos de gênero, da raça e, por vezes, da classe, à luz da interseccionalidade, a temática da orientação sexual é mais uma forma de preconceito presente na atualidade. E, este tema, é também significativo para a integração no ambiente universitário e, ademais, nas relações sociais em seu sentido geral.

Outra possibilidade de investigação, surgida a partir da fala das entrevistadas, é a discussão sobre as colaborações das áreas de exatas e outros campos mais técnicos quanto à construção de cidadania e o enfoque de temáticas que envolvam as relações sociais.

Finalizando, torçamos para que haja maior ampliação de políticas públicas que contemplem essas mulheres. Torçamos, ainda, por um mundo onde nós, mulheres negras, possamos continuar livremente *afroescendo* - neologismo que significa aqui a beleza afrodescendente que está se mostrando, florescendo.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Maria da Consolação. Psicossociologia e negritude: breve reflexão sobre o "ser negro" no Brasil. **Boletim Academia Paulista de Psicologia**, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 87-102, dez. 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2007000200010&lng=pt&nrm=iso>
- ARBOLEYA, Arilda; CIELLO, Fernando; MEUCCI, Simone. Educação para uma vida melhor: trajetórias sociais de docentes negros, **Cadernos de Pesquisa**, v. 45, n. 158, p. 882-914, out./dez. 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v45n158/1980-5314-cp-45-158-00882.pdf>>. Acesso em: 28 out. 2018.
- BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevista em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, Santa Catarina, v. 2, n. 1, p. 68-80, jan/jul. 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027/16976>> Acesso em: 26 nov. 2017.
- CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto e Contexto – Enfermagem**, Florianópolis, v. 15, n. 4, p. 679-684. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v15n4/v15n4a17.pdf>> Acesso em: 28 nov. 2017.
- COELHO, Andreza Maria Sá; GOMES Sansarah da Silva. **O movimento feminista negro e suas particularidades na sociedade brasileira**. Programa de Pós-Graduação em políticas

públicas, Universidade Federal do Maranhão VII Jornada Internacional Políticas Públicas, Maranhão, 2015. Disponível em: <<http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2015/pdfs/eixo6/o-movimento-feminista-negro-e-suas-particularidades-na-sociedade-brasileira.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2018.

DEMO, Pedro. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2000.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino; SILVA, Roberto da. **Metodologia Científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista de Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, p. 171-188. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2002000100011&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 24 mar. 2018.

GOMES, Nilma Lino. **Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. 2006. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/Corpo-e-cabelo-como-s%C3%ADmbolos-da-identidade-negra.pdf>> Acesso em: 28 set. 2017.

GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural?, **Revista Brasileira de Educação**, Minas Gerais, set./dez. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n21/n21a03>>. Acesso em: 16 out. 2018.

GUEDES, Cláudia Rosane. **A imagem social de mulheres negras universitárias: a silhueta esculpida durante o processo de formação**. 2012. 137f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<http://flacso.redelivre.org.br/files/2012/07/438.pdf>>. Acesso em: 28 set. 2017.

HERINGER, Rosana; FERREIRA, Renato. **Análise das principais políticas de inclusão de estudantes negros no ensino superior no Brasil no período 2001-2008**. Observatório da Jurisdição Constitucional. Brasília: IDP, Ano 5, 2011/2012. Disponível em: <<https://www.portaldeperiodicos.idp.edu.br/observatorio/article/view/683/470>>. Acesso em: 04 set. 2018.

IBGE: Apenas 10% das mulheres negras completam o ensino superior. **Carta Capital**, [S.l.], 07 mar. 2017. Sociedade. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/ela/beleza/pela-primeira-vez-no-brasil-buscas-no-google-por-cabelo-cacheado-superam-as-por-cabelo-liso-21683014>>. Acesso em: 01 nov. 2018.

JACCOUD, Luciana. Racismo e república: O debate sobre branqueamento e a discriminação racial no Brasil. In: THEODORO, Mário. (Org.). **As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil 120 anos após a abolição**. Brasília: Ipea, 2008. Disponível em: <http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/1107_1899_Livrodesigualdadeesraciais.pdf>. Acesso em: 23 out. 2017.

LIBÂNIO, José Carlos. PIMENTA, Selma Garrido. Formação de profissionais da educação: Visão crítica e perspectiva de mudança. **Educação & Sociedade**, ano XX, n. 68, p. 262, dez. 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v20n68/a13v2068.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2017.

LÓPEZ, Maricel Mena. Sou negra e formosa: raça, gênero e religião. In: MUSSKOPF, André S.; STRÖHER Marga J. (Orgs.). **Corporeidade, etnia e masculinidade: Reflexões do I Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião**. São Leopoldo: Sinoval, 2015. Disponível em: <http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/807/1/Corporeidade_Etnia_e%20_Masculinidade.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2018.

MAYORGA, Cláudia. SOUZA, Luciana Maria de. Ação Afirmativa na Universidade: a permanência em foco. **Psicologia política**, v. 12, n.º 24, p. 263-281, mai/ago. 2012. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpp/v12n24/v12n24a06.pdf>>.

MOEHLECKE, Sabrina. Ação Afirmativa: História e Debate no Brasil. **Caderno de Pesquisa**. São Paulo, n. 117, p. 197-217, nov. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n117/15559>>. Acesso em: 22 out. 2017.

MUNANGA, Kabengele. Negritude e Identidade Negra ou Afrodescendente: um racismo ao avesso? **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**. [S.l.], v. 4, n. 8, p. 06-14, jul./out. 2012. Disponível em: <<http://abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/246>>. Acesso em: 04 set. 2018.

NEVES, José Luis. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. **Caderno de Pesquisas em Administração**. São Paulo, v. 1, n. 3, p. 1-5, 2º sem 1996. Disponível em: <https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/34607124/pesquisa_qualitativa_caracteristicas_usos_e_possibilidades.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1511733153&Signature=lt0WnyDamWYoIClApJpaQL444iY%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DPESQUISA_QUALITATIVA_CHARACTERISTICAS_USO.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2017.

RIBEIRO, DJAMILA. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte, Letramento: Justificando, 2017. [E-Book].

SANTOS, Acácia Aparecida Angeli dos; MOGNON, Jocemara Ferreira. Estilos de Aprendizagem em Estudantes Universitários. **Boletim de Psicologia**, São Paulo, v. LX, n. 133, p. 229-241, 2010. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bolpsi/v60n133/v60n133a09.pdf>>. Acesso em: 03 set. 2018.

SANTOS, Luane Bento dos. Usos e imagens sobre os cabelos crespos das mulheres negras. In: CONGRESSO INTERNACIONAL INTERDISCIPLINAR EM SOCIAIS E HUMANIDADES, 2012, Niterói. Disponível em: <http://www.academia.edu/31039175/Usos_e_imagens_sobre_os_cabelos_crespos_das_mulheres_negras._Uses_and_images_about_black_womens_curly_hair> Acesso em: 26 mar. 2018.